

nova política econômica

Negócios & F

Simonsen pede definição da

JORNAL DO BRASIL

— É preciso definir qual é a política econômica do Governo. Até o momento não se pode dizer que exista uma política econômica definida. Creio que o Presidente José Sarney convocou essa reunião de Ministros e economistas para poder ouvir várias opiniões e chegar, se possível, a uma síntese — afirmou ontem o professor Mário Henrique Simonsen.

Simonsen foi um dos convidados para o encontro com Sarney, que será realizado no sábado e do qual participarão, além dos Ministros da área econômica e do Ministro de Relações Exteriores, Olavo Setúbal, economistas de várias correntes, como o ex-Ministro de Minas e Energia, Antônio Dias Leite, e os professores da Unicamp, Luiz Gonzaga Beluzzo e João Manoel de Mello.

O convite presidencial, segundo ele, “obviamente não poderia ser recusado.” O significado da reunião, frisou, não deve ser exagerado pela sociedade brasileira, “pois não se trata da criação de um conselho, mas de mero encontro para troca de idéias.”

— Se o Presidente quer ouvir minha opinião, ele a ouvirá — comentou. E a opinião do ex-Ministro e professor da Fundação Getúlio Vargas é a de que existe a necessidade de delinear-se mais claramente os rumos da política econômica. “Há uma intenção em realizar-se uma política correta, como demonstrou o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, em sua fala no Congresso. Só que é preciso operacionalizar essa política esboçada por Dornelles”, acentuou.

O corte no déficit

De acordo com Mário Henrique Simonsen, assim como explicou Dornelles, o déficit público (déficit de caixa do Governo), estimado em Cr\$ 84 trilhões, “tem que ser cortado”, pois não pode ser totalmente financiado pela venda de títulos públicos, pela emissão de moeda ou pelo aumento na carga tributária do país.

A defesa do corte, mesmo que parcial, do ponto de vista de Simonsen, faz com que não tenham sentido as discussões a respeito do conceito de déficit, que vêm sendo travadas com a missão do Fundo Monetário Internacional.

— Não importa se o déficit que será cortado é o revelado por Dornelles ou o déficit operacional, de cerca de Cr\$ 65 trilhões, apontado pelo FMI, segundo suas normas técnicas (déficit operacional do Fundo são as necessidades de financiamento do setor público, descontadas a correção monetária e a correção cambial incidentes sobre essas contas governamentais). Se retirar-se uns Cr\$ 30 trilhões do déficit do FMI, também estaria se reduzindo o do Ministro da Fazenda em Cr\$ 30 trilhões, dando no mesmo — afirmou.

O que não pode ser feito, argumentou, é financiar todo o déficit com a venda de títulos, “porque os juros no mercado financeiro iriam para a estratosfera”. Ou empregar-se a emissão de moeda, pois se “Dornelles propõe um aumento na emissão de moeda de 150%, para este ano, que corresponderia a Cr\$ 22 trilhões, para financiar por meio da expansão monetária, por exemplo, Cr\$ 45 trilhões, teríamos um crescimento de 300%”. O financiamento do total do déficit, lembrou ainda, representaria um crescimento de moeda de 600%, “o que levaria a inflação, e não os juros, para a estratosfera”.

O ex-Ministro defende um corte no déficit, aliado com o aumento dos impostos e um auxílio dado pela venda de títulos e pela emissão da moeda, assim como propôs Dornelles ao Congresso.

Quanto às negociações com o FMI, ele acha impossível cortar-se de uma só vez, ainda neste exercício, o déficit operacional de Cr\$ 65 trilhões (cerca de 3% do Produto Interno Bruto), “pois não há tempo útil para isso”. A única hipótese dessa meta ser aceita pelo Governo brasileiro é a de que o prazo de execução vá de junho deste ano a junho do ano que vem, porque como “já estamos no meio do exercício, ou seja, já se gerou o déficit, para chegar à eliminação total seria necessário um superávit brutal, no segundo semestre”.

O mesmo raciocínio — o de que a meta só pode valer para um período de 12 meses que vá de junho a junho — Simonsen também emprega para a proposta de inflação anual de 170%. Uma taxa de 170% para 85, segundo ele, não é mais possível.